

O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E DE SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898

Director e proprietario
Anselmo de Sousa

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes
(Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899)
E DA UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Secretario da redacção
Carlos Callixto

Editor responsavel
J. S. Pedroso Junior
Typographia — Rua de S. Paulo, 216

Sabbado 1 de Março de 1902

Assignatura paga adiantada
Lisboa, 6 mezes 600 réis
Provincias, 6 mezes 680 *
Numero avulso 60 *

TIRO

O TIRO NACIONAL

II

(Continuado do n.º 229)

As disposições estabelecidas pela lei de 2 de julho de 1882 foram successivamente completadas pelos decretos de 15 de abril de 1883, de 11 de novembro de 1888 e de 5 d'agosto de 1889, que definiram, tanto quanto possível, as attribuições do ministros do interior e da guerra, determinaram o modo de fazer as nomeações dos membros das direcções provinciales, fixaram as suas attribuições e particularisaram aquellas dos officiaes membros das presidencias das sociedades de tiro que passaram a denominar-se *directores de tiro e exercicios militares*.

Um decreto de 11 de novembro de 1888 creou a *Direcção central do tiro nacional*, cujo fim era attender a todas as necessidades reconhecidas, para o desenvolvimento das sociedades de tiro, unificar a sua acção e ensino, iniciativa que, até então, pertencia ás direcções provinciales.

A direcção central tinha a sua séde em Roma e era constituída por um official

general, como presidente, e de mais seis membros, tres dos quaes eram militares.

Nos primeiros annos pareceu progredir a instituição do tiro ao alvo. Muitas sociedades cantonaes se crearam em todo o territorio italiano e, segundo a estatística, parecia haver um grande movimento patriótico e nacional.

O general Pelloux, um fanatico apaixonado por esta instituição, que estava á frente da direcção central, empregava todos os seus esforços para a realisação do seu fim, e, 1889, isto é, sete annos depois da instituição de tiro nacional, conseguiu que se realisasse, em Roma, sob a presença do rei, o primeiro grande concurso.

Parecia triumphar a instituição, e este successo levou e general Pelloux a pronunciar um discurso no qual mostrava o seu entusiasmo dizendo que *o tiro nacional era uma instituição complementar e sympathicamente collaboradora de uma outra, a grande escola da civilisação, que é o Exército!*

Parecia, pois, que não restava mais do que conservar esta nova instituição, seguindo o caminho auspicioso que parecia trilhar, tratando apenas de a aperfeiçoar e desenvolver; entretanto não tardou a perceber-se que a instituição deixava muito

a desejar, sendo necessario vigoroso esforço para lhe assegurar a sua existencia activa.

Passou-se a examinar o programma desenvolvido pela lei de 1882, que era exaggerado, pois comprehendia nada menos de que o estabelecimento de 1811 centros cantonaes de exercicios de tiro. A organisação integralmente devia, por consequencia, sobrecarregar o estado e as communas de despesas consideraveis, se fossem realisadas as aspirações do legislador que sabiamente subordinou a creação das sociedades do tiro cantonal á inscricção prévia de cem atiradores, pelo menos.

Uma estatística publicada em 1887, mostrava-nos que existiam n'esta epoca 120 mil atiradores inscriptos no tiro ao alvo nacional, ao passo que o numero de militares licencceados passava já de *dois milhões* e o numero de estudantes de 16 a 26 annos (1.ª classe de atiradores) era de 100:000. Concluia-se, pois, que a concorrência e os progressos em favor do tiro nacional eram muito restrictos, não obstante as vantagens que a lei lhe concedia.

Vejamos quaes as razões d'este retrahimento. As sociedades de tiro organisaram-se nas cidades principaes. As villas e as aldeias não seguiam este movimento, de modo que os seus habitantes hesitavam

Um grupo de socios da 5.ª filial da União dos Atiradores Civis Portuguezes em Vizeu



1, José Perdigão, photographo amator — 2, Capião João Victorino, director da carreira — 3, Antonio José Antunes — 4 Tenente Figueiral, sub-director da carreira — 5, Herculano Beirão
6, André de Figueiredo — 7, Luiz de Prime — 8, Antonio Joaquim Gaspar d'Almeida
9, Manuel Hyppolito Ferreira, secretario da 5.ª filial — 10, Julio de S. José — 11, Alfredo Gomes — 12, Antonio da Gama — 13, José Ribeiro Lobo

em se filiar n'uma associação de tiro, cuja sede era n'um cantão, em regra muito distante do lugar da sua residência.

Por outro lado a lei de 1882 parecia não concorrer muito para animar a inscrição dos voluntários. Qual era o benefício que podiam usufruir os estudantes a não ser aquelles que aspiravam ao voluntariado d'um anno e para os quaes esta inscrição era obrigatoria?

Quanto aos militares licenciados, pareciam não fazer muito caso das vantagens que lhe conferia a lei. Por exemplo, os homens de tal contingente tendo assistido a 24 exercicios de tiro, ficavam dispensados de se apresentar n'uma convocação de 15 dias. Ora no decurso d'um anno medio (1889) o numero de militares chamados a cumprir um anno de instrução tinha sido de 97:148 e d'este numero sómente 2223 tinham sido dispensados por fazerem parte da associação de tiro ao alvo nacional.

Conclue-se d'aqui que os homens licenciados, pelo menos uma grande parte, previam que os exercicios de tiro lhe causassem maior incommodo do que o dos periodos de instrução.

(Continua.)

R. A.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

Conselho geral

ACTA N.º 20

Sessão em 20 de fevereiro de 1902

Sendo 9 horas da noite, sob a presidencia do sr. dr. Cunha Bellem, constituiu-se em sessão o conselho, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Eduardo de Noronha, Correia Pinheiro, Vieira da Silva, Pedro Ferreira, Pinheiro de Mello, Pinto Basto e J. Fraga Pery de Linde, secretario.

Considerada approvada a acta da ultima sessão, em tempo publicada, visto que não se suscitou reclamação alguma, o sr. presidente deu a palavra ao sr. Eduardo de Noronha que expoz os motivos porque vê a necessidade de regulamentar o uso do alvo *Chevallier* que a União adquiriu.

O sr. Anselmo de Sousa accentuou que a commissão executiva, reconhecendo a necessidade de fazer a regulamentação proposta, pedira a convocação do conselho para que este resolvesse o assumpto conforme entendesse, depois de tomar conhecimento das razões determinantes d'essa necessidade, expostas pelo sr. Noronha.

O sr. Pinheiro de Mello é de opinião, vista a communicação feita, que é, de facto, conveniente a regulamentação proposta, desde que esteja em harmonia com as disposições legais, e promovendo-se a sua superior sanção.

Depois de usarem da palavra os srs. Anselmo de Sousa e Fraga Pery, o sr. presidente tomou o encargo de se entender com as estações superiores afim de tratar da referida regulamentação.

O sr. Anselmo de Sousa communicou a formação de uma nova filial em Evora, lamenta que não estejam presentes mais membros do conselho e pede ao sr. presidente que se entenda com o sr. director geral dos serviços de infantaria sobre os pontos essenciaes que mais interessam á vida e á acção da União, e, principalmente, no que respeita aos novos regulamentos referentes ao tiro nacional.

O sr. Eduardo de Noronha consigna a esperança de que, nos novos regulamentos de tiro, sejam á União conferidas superiormente as regalias a que tem jus, pelo desinteresse dos seus serviços á patriótica causa do tiro nacional, para affirmação do patrocinio official que não deve deixar de amparar-a e ajudal-a, a bem da referida causa.

O sr. Pinto Basto entende tambem, como os srs. Vieira da Silva e Correia Pinheiro, que igualmente usaram da palavra, que a União tem direito a ser considerada como um proveitoso elemento de collaboração com os poderes publicos para a causa a que se dedica.

O sr. Anselmo de Sousa communicou varias pretensões das filiaes do ultramar e pondera a conveniencia de se procurar promover a satisfação d'essas pretensões junto no ministerio da marinha, tantas vezes tentadas sem resultado. Lembra tambem que é urgente pensar na realisação do beneficio annual da União.

Sobre este assumpto trocaram impressões va-

rios dos presentes, resolvendo-se procurar mais uma vez o sr. ministro da marinha até se conseguir as pretensões de 7.ª e 8.ª filial e encetar os trabalhos respeitantes ao beneficio.

Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 horas e 45 minutos.

O secretario do Conselho

J. Fraga Pery de Linde

INSTRUÇÃO DE ALUNNOS

1.º torneio em 2 de fevereiro de 1902

1.º GRUPO, CLASSIFICAÇÃO

Classif.º	Nomes	Percentag.
1	José A. Galvão de Magalhães.....	85
2	Francisco Baptista Esteveiro.....	84,7
3	João Nepomuceno Cardoso d'Oliveira.....	82,5
4	Joaquim Gomes Duarte.....	80,8
5	Acrisio Cannas Mendes.....	80,4
6	Augusto F. de Sousa e Almeida.....	78,3
7	Augusto da Silva.....	76,9
8	Emílio Gonçalves Candeira.....	76,3
9	Antonio Vivaldo.....	75,8
10	José de Lima Junior.....	75,4
	Manuel Antonio d'Oliveira.....	75,4
	Julio das Neves Silva.....	75,4
11	Modesto Alfredo Cascaes.....	74
12	Carlos Alberto d'Oliveira França.....	71,3
13	Francisco Soares.....	70,7
14	João Duarte Ferreira.....	63,6
15	Carlos Alves de Carvalho.....	63,3
16	João da Silva Carreira.....	62,3
17	Eduardo Nunes F. Tavares Galvão.....	61
18	Alvaro Canongia.....	60,5
19	Mario de Noronha.....	60,3
20	José Freire da Silva.....	57
21	Arthur da Conceição e Silva.....	57
22	José Ferreira de Sousa.....	56,3
23	Eduardo Gomes da Carga.....	54,2
24	Wenceslau Pedro Vaz.....	54
25	José Luiz de Mello.....	45,4
26	José Carlos Ferreira dos Martyres.....	42,9
27	Raul Cannas.....	39,1
28	João Dias Barbosa.....	28,9
29	Tancredo Cardenas.....	25,8

Os tres alumnos primeiro classificados foram os premiados, respectivamente com os premios de, 35000 réis, 15500 e 13000 réis.

O primeiro e o terceiro são socios do *Real Gymnasio Club Portuguez* e o segundo é alumno da *Escola Industrial Marquez de Pombal*.

O aproveitamento a as magnificas percentagens que os alumnos da União tem tido este anno, põem bem em evidencia a importancia da instrução perliminar de tiro, que, graças a um esforço da União foi inaugurada este anno.

Com esta instrução, que com tanta proficiencia, tem sido ministrada pelos dignos officiaes do exercito, que a União tem como instructores, tem-se tirado os resultados que as percentagens obtidas demonstram, resultando uma grande economia, em munições tanto para o Estado como para a União.

Este anno tambem tem sido ministrada na carreira de tiro em Pedrouços, instrução a um grupo de alumnos da União, pelos dignos officiaes que alli fazem serviço.

Todos estes esforços, pois, tem sido coroados do melhor exito.

EVORA

A 11.ª filial da União, o *Club dos Atiradores Civis Eborenses*, em assembléa geral de 21 de fevereiro ultimo, elegeu os seus corpos gerentes que ficaram constituídos pela seguinte fórma:

Assembléa geral: Romão de Carvalho Marquez, presidente — José de Paula Costa, vice-presidente — Augusto Ferreira, 1.º secretario — Izidoro Luiz Bine da Cruz, 2.º secretario.

Direcção: José Monteiro Serra, presidente — Henrique Augusto Ferreira, vice-presidente — Carlos Armando de Magalhães, 1.º secretario — Sebastião de Mello da Motta Cerveira, 2.º secretario — Marcolino Anthero Calça, thesoureiro.

A planta e orçamento da nova carreira de tiro elaborados pelo sr. João Eloy Nunes Cardoso, distincto engenheiro militar, está quasi prompto, devendo dar entrada na Direcção geral dos serviços de infantaria por estes dias.

O terreno escolhido pala commissão de engenheiros militares é em uma propriedade do sr. Carlos Maria Eugenio d'Almeida. O sr. dr. Francisco Eduardo de Barahona Frago, cedia generosa e gratuitamente os terrenos precisos para a carreira de tiro; a commissão dos engenheiros, porém, examinando esses terrenos viu que, infelizmente, elles se não prestavam para o fim desejado.

Parabens aos nossos camaradas eborenses e os nossos votos para que a carreira de tiro se conclua com a possivel brevidade.

Almirante José Baptista de Andrade

No dia 25 do mez findo ás 5 horas da tarde falleceu este illustre e valoroso official da nossa marinha de guerra; as honras e nobres tradições que deixou, eram, por si só, sufficientes para tornarem essa corporação conhecida e respeitada na historia das marinhas de guerra.

Falleceu na avançada idade de quasi 83 annos pois tinha nascido em 27 de março de 1819. A modestia foi um dos seus caracteristicos e provou-o até ao ultimo momento da vida dispensando todas as honrarias tanto civis como militares que lhe competiam.

O sr. almirante Baptista de Andrade era ha muito assignante de *O Tiro Civil* e d'elle recebemos por mais de uma vez provas de muito apreço. Que descançe em paz o illustre extinto.

A seu filho o nosso amigo e sr. tenente-coronel Andrade e a toda a sua excellentissima familia sinceros pezames.

ARTES & LETRAS

HISTORIA

O EXERCITO E A PATRIA

XXVI

Roque Antunes

E' um dos mais interessantes periodos da nossa historia militar o que decorre entre 1641 e 1665 e o de maior ensino para o estudo da defesa do paiz. Essa guerra com a poderosa visinha Hespanha em que até ao resultado final tantas vezes a fortuna nos foi vária, mostra o quanto valiam o patriotismo, a galhardia, o valor pessoal de soldados e chefes, e o quanto nos foram fataes a indisciplina nos combates, as intrigas da côrte, as hesitações dos governos e a emulação ambiciosa dos commandantes; é o espelho do que pôde ser em qualquer época uma luta entre as duas nações da peninsula. Se a Hespanha não soffresse tambem d'intrigas na côrte, de rivalidades entre os chefes, e se a par dos terços magnificos das guerras de Flandres não contivesse no seu exercito grande numero d'elementos indisciplinaes e desmoralisados, outra certamente teria sido a sorte de Portugal.

E' porém inegavel serem as mais gloriosas victorias d'essa campanha, as mais heroicas defesas das nossas praças, devidas á galhardia valorosa dos fidalgos portuguezes, muitos ainda coroados por louros ganhos na America e no Oriente, e ao patriotismo energico do povo que, uma vez sacudido o jugo, não queria mais dominadores no solo portuguez. Alguns historiadores extranhos por ignorancia ou jáctancia, e até mesmo alguns pessimistas escriptores portuguezes attribuem aos auxiliares estrangeiros a nossa fortuna, mas se houve um Tamaricourt que brilhantemente commandou a nossa cavallaria, á frente d'ella se immortalisaram os mais nobres portuguezes como Diniz de Mello e Castro e houve heroes como André d'Albuquerque.

Se Schomberg veio em 1660 corrigir a tactica do nosso exercito, havia já vinte annos que a resistencia se prolongava e fôra o conde de Cantanhede quem infligira, a D. Luiz d'Haro a terrivel derrota das linhas d'Elvas, tão dolorosa para o orgulho hespanhol, fôra Mathias d'Albuquerque

quem batera em Montijo o barão de Mollingen, foi D. Sancho Manoel, conde de Villa Flor, quem na Beira conteve em respeito o duque d'Ossuna e as suas tropas, duplamente numerosas, e que, no Ameixial, dirigiu o ataque temerario que devia coroar a habil disposição que para o combate tomara a pericia militar de Schomberg, sempre excellente chefe d'estado maior dos generaes portuguezes.

E' ainda o vencedor das Linhas d'Elvas, já então marquez de Marialva quem, á frente de quinze mil e setecentos portuguezes, auxiliados por quatro mil e oitocentos mercenarios inglezes, francezes e allemães, ganha a esplendida victoria de Montes Claros que, pode dizer-se, termina a guerra.

Se houve governadores que entregaram covardemente as praças, foi essa vergonha largamente resgatada, se a longa campanha chega a cançar o povo e os recrutados, arrastados nas levas, desertam muitas vezes, ao povo se devem soberbas resistencias em logares abertos, em praças mal defendidas, como a gloriosa defesa de Monsão, e o primeiro sangue heroicamente derramado na campanha foi o d'um simples soldado.

Quando em 1641 Mathias d'Albuquerque procurava no Alemtejo adestrar as suas bisonhas tropas para a guerra eminente, uns dez soldados da guarnição d'Elvas foram surprehendidos por trinta hespanhoes no dia 9 de junho; procuraram defender-se, mas a surpresa e o numero dos inimigos inutilisou-lhe o esforço. Trez salvaram-se pela fuga e alguns ficaram prisioneiros; mas um d'esses soldados, Roque Antunes, não quiz fugir, nem render-se e preferiu morrer pelejando. Em quanto poude resistir combateu defendendo-se dos numerosos inimigos e cahiu gritando: Viva D. João IV!

Foi o primeiro a morrer pela independencia, e Mathias d'Albuquerque mandou enterrar com solemnidade pomposa o corpo do humilde heroe que tão nobremente sacrificara a vida em honra da patria.

RIBEIRO ARTHUR.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Exercicios corporaes e desenvolvimento moral

(Concluido do n.º 229)

Ninguem ignora que no papel excepcionalmente luminoso representado pela Grecia na historia da humanidade teve parte importante a educação gymnastica. Desde a epoca mais antiga a que nos permite chegar a litteratura hellenica, desde a epoca homérica, os gregos se exercitavam na carreira, no salto, no arremço do dardo e disco, na lucha, jogos que constituiram o *pentatheon*, na dança, no pugilato e outros jogos destinados a desenvolver a robustez do corpo e do espirito e que eram temperados pela educação musical (e poetica). Platão não propunha realmente uma educação toda nova, mas seguia em parte no plano pedagogico da sua republica o que fôra pratica do povo de que foi tão alto representante, pratica que preparou os heroes vencedores em Marathona Salamina e Plataea, onde se salvou a cultura europea da submersão na onda invasora dos barbaros da Asia. A decadencia dos exercicios physicos, a sua degeneração na athletica profissional coincide com a decadencia geral do povo hellenico.

Roma que dominou tantos povos, até

os gregos, não teve como estes um systema de educação gymnastica, dominada pela ideia esthetica e moral, que impunha ao todo da educação como fim o ser *kalos kai agatos* — bello e bom; a educação de Roma era predominantemente pratica — nos trabalhos ruraes, nos exercicios militares buscaram os velhos romanos a robustez do corpo e a energia do espirito para a lucha.

Entre os povos que Roma subjogou houve-os que lhe opposeram pertinaz resistencia. Dois seculos consumiu a dominadora para alcançar a submissão completa da Hispanha; ora uma parte, pelo menos, das gentes que a habitavam; os lusitanos, por exemplo, que Roma dobrou com traíções; exercitavam-se em variados jogos gymnasticos, hippicos, na carreira, no salto, em escaramuças e batalhas simuladas, que lhes davam destreza, agilidade, grande capacidade de resistencia physica e coragem d'animo.

Os exercicios militares que Vegecio nos descreveu, foram decaindo entre os romanos, de modo que, como aquelle escriptor refere no tempo de Graciano, os soldados não podiam já supportar o capacete e a coiraça, que então abandonaram, de modo que os germanos facilmente derrotavam os exercitos de Roma, e esses germanos invasores e depois senhores do imperio, tinham-se fortalecido e aguerrido em exercicios corporaes analogos aos que encontramos entre os gregos e os lusitanos.

Na idade média não se perdeu o habito dos exercicios physicos, como por vezes se tem supposto, embora esse habito tivesse oscillações mais ou menos consideraveis segundo as epochas, os povos, as classes sociaes. Nesse periodo da historia achamos ainda na tradição, comquanto modificado, o *pentatheon*, que vimos na Grecia, e outros jogos da antiguidade. No periodo da reconquista christã da nossa peninsula, das cruzadas, da cavallaria, vemo-los em vigor como preparação para as luctas contra os inimigos da fé catholica ou entre senhores, como parte integrante, indispensavel da boa educação. A energia dos homens que firmaram a independencia em Aljubarrota, conquistaram Ceuta e iniciaram os descobrimentos maritimos temperara-se nos exercicios physicos, de que os textos desse tempo nos dão noticia.

Ninguem ignora que importancia teem os exercicios corporaes na educação inglesa, em que se chega a attribuir-lhe tanta ou mais importancia que a outros meios educativos.

Como se vê, por exemplo do relatório dum professor do grande collegio de Harrow, os jogos não são considerados alli como divertimento. São obrigatorios, pelo menos dois — o cricket no estio e o football no inverno. Não são destinados só ao desenvolvimento e reforçamento dos pulmões e dos musculos: o fim que nelles se tem em vista é o desenvolvimento da vontade, a capacidade de subordinação, de obediencia para mais tarde commandar, de abnegação a favor do grupo. E' impossivel negar que na formação do espirito de iniciativa, de disciplina social, de *self-government*, que caracteriza o inglês, tenha parte importante o campo dos jogos.

Para o fim da educação da vontade nem todos os exercicios corporaes servem, nem todos os modos de executar os que servem são apropriados. E' mister não esquecer que se trata de desenvolver a vontade moral e que portanto devem ser postos fóra do plano da educação todos os exercicios ou modos de executar exercicios que tenham por fim o espectacular, o de-

envolvimento meramente corporal, o excesso d'esforço, que tendam a impôr a adoração do musculo ou a alcançar lucros materiaes.

Ao fim de mais de vinte e dois seculos, carecemos de reatar o fim das ideias sobre a gymnastica (em sentido lato), iniciado por Platão e Aristoteles, e fixar bem clara e nitidamente o que queremos e devemos fazer, com os exercicios physicos.

Um instituto como o Real Gymnasio Club, destinado a esses exercicios, não pode esquecer um momento que o que se chama educação physica é apenas um meio, um dos diversos meios da educação unitaria do homem, na qual os elementos moraes são os unificantes. O nosso país precisa primeiro que tudo de regeneração moral e para obter esse fim é necessario assentar sobre novas bases a educação privada e publica. Estudando um programma d'exercicios physicos e pondo-o em pratica de modo que contribua para essa regeneração, o Real Gymnasio Club cumprirá nobremente a missão social que se lhe impõe. A obra está começada — é continua-la.

Valere aude! ousa ter saude! diz um velho proloquio latino. E com effeito é preciso ter audacia, é preciso ter coragem para ter saude; porque é mister lutar contra mil causas de ruina physica e moral, mil infeções do corpo e do animo que nos rodeiam.

Valere aude! deve ser o grito d'incitação á mocidade, ás novas gerações, que cumpre desde cedo fortalecer para a dura lucha da vida, de modo que tenham o *corpus sanum*, de que falla o antigo gnoma, e o *mens sana*, um corpo são ao serviço duma energia vontade conforme á lei moral; de modo que a saude da alma não lhes sossobre nas tempestades da existencia e só sacrificuem, se fôr necessario, a saude physica, a propria vida, a alguma causa grande, nobre, justa.

O que precede é apenas um rapido extracto da conferencia sobre *Exercicios corporaes e desenvolvimento moral*, a qual a seu turno era um extracto de trabalho desenvolvido sobre aquelle thema, e que será em breve publicado pelo Real Gymnasio Club. Nelle trato de varios pontos do assumpto a que nem sequer pude fazer allusão na minha conferencia.

Permitta-se-me lembrar aqui, pela intima ligação com aquelle assumpto, que já em 1882 em duas conferencias e em 1883 num livro publicado no Porto, com o titulo de *Os elementos tradicionais da educação*, combati a chamada alta gymnastica, de que se tem occupado neste periodo o meu amigo Anselmo de Sousa. Nesse livro disse eu, entre outras cousas o seguinte:

«Foi (modernamente) a Alemanha que deu primeiro o maior desenvolvimento á educação gymnastica e a introduziu na escola primaria, como um elemento integrante da educação geral. Os outros países teem seguido o movimento que se propagou até nós. Primeiramente alguns collegios particulares deram logar aos exercicios gymnasticos; depois a reforma da instrucção primaria de 1878-80 introduziu-os nos seus programmas e vemo los de facto praticados nas escolas centraes, instituidas pela camara municipal de Lisboa.

Nos collegios e nessas escolas predomina a gymnastica de apperellos. Convém em face d'este movimento perguntar: qual é a verdadeira gymnastica domestica ou escolar? Pensou-se detidamente sobre este

delicado problema e deu-se-lhe a mais racional solução?...

«Cremos que não se estudou maduramente a questão, que houve precipitação no caminho das inovações, que se foi adoptar em geral processos gymnasticos que acham hoje valentes adversarios; que, tendo que escolher entre systemas diversos, não se preferiu o que offerece menos inconvenientes e é portanto o mais racional.

«... Os jogos tradicionaes, os exercicios inteiramente livres que as occasiões proporcionavam, foram a gymnastica (não profissional) unica durante longos seculos.

Nos campos, nas praças das aldeias, nos terreiros das cidades, nos adros das igrejas, nos pateos e ainda nas casas a infancia, a adolescencia, a mocidade, achava nelles elementos sufficientes, ainda que um tanto indisciplinados, para a sua educação physica.

«A organização da escola primaria faz naturalmente pensar em introduzir no seu programma os exercicios physicos. O longo tempo que a creança é obrigada a estar alli entre quatro paredes, mais ou menos immovel; a segregação da sociedade natural infantil a que a condemnaram, para lhe dar collocação numa fileira, regrada, pautada, sob o sobr'olho cationiano do professor, que sacrifica tudo á deusa Disciplina; a actividade intellectual que na escola, até na bem organizada, se exige della, suscitavam um contrapeso, uma serie de exercicios em que o corpo, tão cruelmente desprezado no resto das praxes escolares, achasse um meio de descarga nervosa e de desenvolvimento muscular.

«Como o tempo para esses exercicios era naturalmente limitado, quis-se concentra-los em doses energicas: a gymnastica dos aparelhos resolvia esse problema, pelo menos apparentemente. Os jogos, os bons jogos infantis foram esquecidos, e a creança, apanhada no mechanismo moral e intellectual da escola que ameaça pulverisar-lhe toda a espontaneidade, é apanhada tambem no mechanismo physico da gymnastica de aparelhos, que não é um jogo, mas um trabalho pesado e perigoso.

«A reacção contra essa gymnastica cresce».

Citei em seguimento, no mesmo livrinho, o relatório sobre o ensino da gymnastica, pelos dois medicos belgas, os srs. Browers e Doux, relatório a que ha pouco se alludiu entre nós, e do qual extrahi os pareceres de diversas autoridades na materia, da França, Belgica e da propria Alemanha. «A gymnastica, dizia uma dellas, o Dr. Vlemingck, não busca de modo nenhum formar corredores ou atletas, e o verdadeiro gymnasiarcha não poderia deixar de considerar as tendencias dos *Twer* allemães senão como perigosas aberrações.»

Transcrevi, ainda na mesma publicação de 1883, entre outras cousas, as palavras d'um distincto pedagogista francêz já fallecido, o sr. F. Pécaut: «Não se illudam: inscrevendo a gymnastica em os nossos programmas, não fizemos mais do que impôr ao mestre e ao discipulo *uma lição de mais*.» O sr. Pécaut advogava a rehabilitação dos jogos livres.

Não condemnei então, como não condemno hoje toda a gymnastica propriamente dicta, mas aquella que tem por fim principal «rivalisar com as companhias de acrobatas, que a gente vaê vêr por dois tostões.»

Escrevi e fallei publicamente em 1882 e 1883, como em 19 de janeiro ultimo, do ponto de vista pedagogico. Mas no li-

vrinho citado transcrevi tambem as seguintes palavras dos commissionados Belgas:

«A gymnastica dos aparelhos é necessaria aos corpos de *bombeiros*, aos *mari-nheiros* e aos *militares*, chamados muitas vezes ao assalto; para esses casos especiaes, tem um valor real, indispensavel».

Lisboa, 6 de fevereiro de 1902.

F. ADOLPHO COELHO.

Sobre a educação physica da mulher

Com este titulo, deparámos em o nosso excellente collega *O Diário de Noticias*, de 23 de janeiro passado, com o artigo que em seguida transcrevemos. Convem, porém, dizer que o não fazemos pelo merecimento que lhe encontrámos nem porque lhe queiramos responder. Essa tarefa não nos competia a nós, leigos no assumpto, quem tinha o direito e o dever de o fazer não se eximio a fazel-o, e brilhantemente, em o nosso excellente collega *O Seculo* de 2 do mez findo.

Ficámos desagradavelmente surprehendidos quando soubemos que o nome que firma esse artigo era d'um medico; porque, digamol-o com franqueza, não comprehendemos que a proposito da educação physica da mulher haja quem, de profissão scientifica, venha hoje fallar-nos em *cambalhotas* e *arcos de papel*!... isto, além das contradicções, incoherencias e muitas outras cousas que os nossos leitores apreciarão devidamente.

Explicando, pois, a razão da transcripção, diremos que é unicamente pelo desejo que temos de pôr bem em evidencia a brilhante replica do nosso amigo e distincto medico o sr. dr. Ardisson Ferreira. De resto, é bom refutar sempre doutrinas que julgamos prejudiciaes aos fins a que nos propusémos — a divulgação da educação physica — tal como ella deve ser.

O artigo em questão é a resposta a um outro publicado no *Seculo* pelo sr. dr. Ardisson Ferreira e que vem transcripto no *O Tiro Civil*, n.º 226, de 1 de janeiro.

Dadas estas explicações publicamos o artigo do sr. dr. Raul Abranches e em seguida a replica do sr. dr. Ardisson Ferreira.

«Tivemos occasião de lêr n'uma folha de Lisboa, ha dias, um artigo ácerca da «educação physica da mulher» firmado por um distincto clinico que nos merece toda a consideração e apreço; contudo, concordando com a idéa fundamental d'esse artigo, divergimos sobre certos pontos d'elle, que não achamos insignificantes, e como o assumpto é de uma elevada importancia social, vamos francamente fazer aqui os reparos que nos mereceu a sua leitura, tendo simplesmente o intuito de nos esclarecermos e não o de mantermos uma discussão pelo simples prazer d'ella.

Afirmando o auctor que a gymnastica deve entrar como elemento primordial no que se chama — educar uma menina — segue a opinião da maioria dos hygienistas; apenas parece que recommenda o exercicio gymnastico só quando a filha é já menina ao passo que supponnos que os melhores beneficios da kinesitherapia se devem colher ainda na infancia; á primeira vista insignificante, esta divergencia não é o comtudo no fundo; para o que se entende vulgarmente por — menina — entre nós, abstrae d'algun modo a idéa de infancia include antes um largo periodo de annos que vaê desde o começo da adolescencia e entra muito pela idade viril da mulher.

A idéa de «meninas» é uma idéa abstracta pela sua vulgarisação errada na linguagem corrente; o proprio auctor reconhece o erro, mas longe de o emendar, assenta sobre elle toda a argumentação do seu artigo e torna-o assim fundamentalmente obscuro; não seria preferível marcar bem o limite que separa a menina da mulher feita, limite que á natureza se encarrega de frisar bem nas funções dos animaes.

Depois o auctor é d'uma severidade para com a mulher em geral, que muitas vezes toca as raias da injustiça e nós sem nos querermos arvorar em caudillos do bello sexo, sentimos porém a neces-

sidade de o desafrontar dos ataques que elle não merece; assim nos revolta o positivismo aspero com que accusa a mulher, educada por maus processos, de ser transmissora de germens depauperados, e isto d'uma maneira absoluta como se fóra ella a unica culpada do definhamento da raça. Ha de concordar o auctor que se nos sentimos definhados tem os nossos paes em grande parte culpa d'isso, mesmo que nossas mães tivessem sido n'outro tempo umas — «meninas educadas mal».

Sobre o que chama o tagarellar da mulher, expande-se em invectivas, aleluhandas a sua polemica de encantadora por vezes e os seus assumptos de snobicos não poucas; se n'isto não ha uma contradicção, ha pelo menos uma observação da conversa da mulher, que a põe ao par da do homem, que os homens quando conversam sobre assumptos que não são snobicos, não travam certamente uma polemica encantadora? Então porque accusar o tagarellar da mulher quando o proprio auctor concorda que somos nós mesmos que o mantemos, porque emitimos as nossas opiniões sobre os assumptos d'elle?

N'uma phrase muito justa o auctor diz que «para a mulher e para quem a rodeia o principal exercicio resume-se em tagarellar» quer dizer, somos todos uns tagarellas, ellas e nós, perfeitamente.

Que terriveis apreciações o auctor faz tambem sobre as tão valiosas prendas da maioria das mulheres, o piano e o canto! mas não serão dois magnificos exercicios quando regrados e não executados até trazer a fadiga? O canto aprendido gradualmente em lições que não cansem não será uma bella gymnastica para o thorax e para o apparelho pulmonar? Se o não fóra, pobres das Patis e dos Beliniones! Se pôde não ser prejudicial e antes benefico o aprender a mulher a cantar, porque recusa-lhe mesmo esse meio de captivar-nos, quando é certo que nem sempre é com — «esganicados trauteios de melodias duvidosas» — como o auctor diz que a mulher nos — «arranha os tympanos» — como elle ainda se exprime e sempre assim desfavoravelmente a respeito da mulher, talvez só porque em menina ella não aprendeu a dar cambalhotas!

Não julguem os leitores que deturpo, no calor da polemica, a idéa do autor, attribuindo a sua má vontade para com a mulher áquelle ultimo facto, pois que no seu artigo chamando elle — «insensatos» — aos paes que acham que suas filhas não devem dar cambalhotas como os rapazes, não seria de mais que embriasse com as leitoras pelo facto de em meninas não terem querido passar os pés por cima da cabeça. Note-se, porém, que, conquanto o auctor em certo ponto do seu artigo parece quebrar lanças pela cambalhota, nós reconhecemos muito bem que elle só admite como gymnastica recommendavel a — «methodica execução dos movimentos naturaes» — e sobre esse ponto concordamos nós com o auctor, no que temos grande prazer.

Mas, continuando na analyse miuda do citado artigo, logo discordámos no ponto em que o auctor fala da dança, atacando a nervosidade por varias razões, entre ellas porque é: «effectuada em logares pouco espaçosos, mal ventilados», etc. Ora realmente por isto parece que o auctor acha os grandes salões de bailes uns cubiculos ou vãos de escada! E' ainda e quasi sempre sobre a forma demasiado absoluta, porque o autor afirma as cousas que nós discordamos d'elle.

Nas grandes salas, bem ventiladas, com sobrado encerado, uma valsa allemã serena, suave, com intervallos amidiados de tal tagarellar ameno, é um exercicio gymnastico inoffensivo decerto e mais agradavel de vêr sem duvida que um salto mortal de acrobata ligeiro ou passagem de arcos de papel por «voltageuse» airoso.

Dir-nos-ha o auctor afrontado que as poeiras levantadas e as atmosferas viciadas dão forte contingente á tuberculose, mas não haverá de tudo isso tambem nas aulas d'um gymnasio, onde muitas creanças se agglomeram e, então com maior perigo attendendo á menor robustez e por conseguinte menor resistencia vital para o contagio da bacilose? Não se julgue, porém, que se tivéssemos filhas as obrigariamos á dança e lhe recusariamos a gymnastica; de modo algum, apenas queremos indicar ás leitoras quando julgamos que podem dançar e em que condições o podem fazer sem que as suas vidas periguem.

E' certo que a dança é um passatempo inutil, mas tambem é certo que é imprescindivel na vida de qualquer mulher; por isso contemporisemos e não vamos despoticamente abolir-lhe o piano, o canto, a dança, porque seria mata-l-a infallivelmente, e sem que a salvassem todas as gymnasticas d'este mundo!

A mulher é assim feita: precisa tagarellar, cantar, dançar e nem sempre por coquetismo, antes muitas vezes pelo temperamento artistico, delicado e nervosismo apurado que lhe é proprio e precisa ainda d'uma outra cousa que o auctor de que temos falado já tanto, tambem reprova por modo absoluto e quanto a nós errada exactamente por ser absoluto... precisa do espartilho!

A propria leitora se admira de que nós, sendo medicos, admittamos a existencia d'esse artigo de vestuario, que quasi todos adjectivam de execrando, inquisitorial, etc.

Admittimol-o d'uma maneira especial — largo e flexivel — e aconselhamol-o até, caso estupendo, n'uma phase physiologica da vida da mulher, quando ella espera ser mãe dentro em algum tempo, pois está provado que durante a gestação, muita vez a flacidez das paredes abdominaes permite desvios e flexões uterinas que difficultam e tornam perigosa a parturição e é então que um espartilho que não constanja e seja flexivel pôde prestar valiosos serviços, compensando a flacidez abdominal e impedindo os desvios que ci-tamos.

Pela parte superior, sendo o espartilho baixo, como a modo de taça, em que impede os movimentos respiratorios da mulher que não respira como nós, os homens? De mais a mais parece que a mulher comprehendeu enfim quasi todos os perigos que nascem do uso d'um espartilho apertado, por que actualmente veem-se menos aquellas —scinturinhas de vespa— nada estheticas, que d'antes tanto abundaram com graves prejuizos e a moda dos casacos largos, quasi sem cintura marcada, é um bello beneficio para a hygiene da mulher porque lhês ha-de mostrar certamente a inutilidade da construcção da cintura.

promovi contra a fórma detestavel como actualmente se educam meninas são accetes por todos os que se teem occupado d'estas questões.

O que eu condemnei *todos* os peritos condemnam. Repeti, simplesmente, e de fórma que fosse comprehendido, o que de ha muito vem dito e o que se poderá ler em qualquer vulgar escripto sobre questões de educação physica. Só o auctor não está de accordo. Pois bem: vejamos em qué e porquê.

Primeiro; não concorda com a minha phrase «educar uma menina». Acha-a obscura. Diz-me que —vulgarmente, a idéa de menina abstrae a idéa de infancia e include o periodo que do começo da adolescencia entra muito pela idade viril (naturalmente quiz dizer nubil) da mulher». D'esta fórma, eu teria claudicado desastradamente, recommendando o exercicio gymnastico — «só quando a filha é já menina». Ha aqui, francamente, uma confusão que eu não comprehendo. Só quando a filha é já menina? Mas, então, qual é a significação que o auctor outorga ao vocabulo—menina?

Eu julgava, e comigo muita gente boa, que se dava o nome de —menina — a uma criança do sexo feminino no periodo de vida que do nascimento vae aos sete ou oito annos. Em harmonia com esta definição, como explicar aquel-

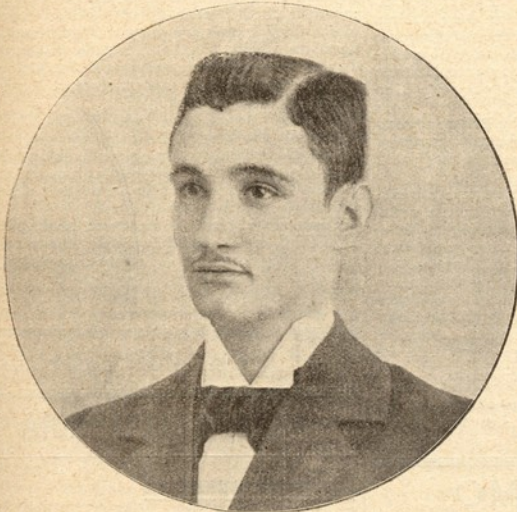
d'isso». — Mas porque se revolta o auctor? Eu lhe respondo: porque se não deu ao incommodo de lêr o que sobre a educação physica do rapaz em especial eu escrevi no meu primeiro artigo Quem lhe disse, onde leu, que os paes não tinham tambem culpa?

O auctor parece confundir gymnastica elemental — a que eu defendi — com dar cambalhotas e passar arcos de papel, e, baseado n'estas idéas, diz que — «uma valsa «com intervallos amiudados de tagarellar, é um exercicio mais agradável de vêr» (!) «do que um salto mortal» —!! Mas a gymnastica elemental não é nada d'isso! Eu o que disse é que se deve olhar mais para a educação physica do que para os ensinamentos de piano, canto e outros. Estes servirão de complemento áquella.

Mais: eu não disse que a dança se effectuava sempre em logares de pouca capacidade atmospherica, mas sim que, n'esses logares, além dos inconvenientes por todos apontados ao tal falgudo que só o auctor defende, accresce o da viciação atmospherica e o da acquisição de terriveis morbos. Não será assim?

Escalpelemos mais. Então o auctor, e meu amigo, compára a dança em sala da baixa com o exercicio d'uma classe infantil, inspecionada em salão de gymnasio apropriado? Permitta-me que apóde de heretica a comparação. E consi-

REAL CLUB VELOCIPEDISTA DE PORTUGAL



J. C. Xavier da Silva Junior



Cyrillo Miramon

Distictos cyclistas premiados com o diploma de Honra da UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Cremos mais praticos os beneficios para a saude da mulher que venham de preceitos hygienicos trazidos pelas modas do que propriamente os apontados pelos sabios tratadistas ainda que sejam mais scientificos.

Finalmente, remattamos esta serie de considerações sobre a educação physica da mulher, dizendo que para conseguirmos alguma coisa de util não devemos prohibir todas as coisas que constituem como que o modo de ser da mulher, mas sim educal-as a conhecer o perigo que do seu uso possa advir e apontar-lhes uma coisa nova para as entreter, fazendo aprender a suas filhas, bem melhor que o piano, a dança, o canto e o espartilho, a gymnastica como methodica execução dos movimentos naturaes.

RAUL ABRANCHES.

Réplica

Um mez depois da publicação do meu segundo artigo sobre *educação physica*, vem á liza um collega e amigo, arvorado em paladino do sexo gracil — por suas damas — botar-me o guante, disposto ao que parece, a lançar por terra as modestissimas considerações, que na qualidade de facultativo inspector de um estabelecimento de educação de primeira ordem e com fim meramente humanitario e altruista eu expendera nas columnas d'este periodico.

Embora eu não tivesse escripto para medicos, desde que algum, em jornal de caracter não abertamente scientifico, me vem reptar, urge que eu contra-repte. Onde ellas se fazem...

Eu não vim explanar opinões sobre assumpto que me fosse extranho. As bases sobre que asentaram as considerações que fiz e a lucta que

la obscura e original phrase? Houve, manifestamente, um pouco de confusão do auctor.

Mais abaixo acha que — os melhores beneficios da kinesietherapia, se devem colher ainda na infancia. Mas a kinesietherapia, como bem exprime o vocabulo, occupa-se da applicação da gymnastica (cinesia ou kinesia) á cura dos morbos e não foi d'isso que eu tratei. Não fallei da gymnastica como therapia. Outra obscuridade. «Beneficios colhidos na infancia»? Mas infancia não será synonymo de meninice?

A phrase que eu empreguei — *educar uma menina* — é, pois, e em conclusão, a unica que convem ao caso e não importa obscuridade, como pretende o auctor e meu amigo.

Accusa-me de ser severo até á injustiça e á affronta para com a mulher. Deus do céu, eu não fiz tal! Dirigi-me aos paes e confesso que fui condescendente; deveria ter sido cruel, implacavel, tyranno até. O que para ahi se faz em materia de educar meninas é simplesmente abominavel. A's mulheres d'hoje pôde-se bem, como fez Londo, chamar: multidão de adolescentes cujas libras estão em atonia. Fazem-se bonecas, não se fazem mulheres. Criam-se abortos com o maior desplante, sem consideração, ás cegas.

Porque não seguiremos o conselho do grande Rousseau: — Mulheres, fazei gymnastica, não para vós, mas para nós! — Ou a do celebre Paz, modificação d'aquella: — Fazei-a para nós e para vós! — Ainda não tenho razão? A minha campanha não é nobre?

Revolta-se o auctor contra «o positivismo aspero com que accuso a mulher de ser a transmissora de germens de pauperados» — e isto diz — «d'uma maneira absoluta». — Accrescenta que — «os paes teem, em grande parte, culpa

dera a dança imprescindivel na vida da mulher? E' estupefaciente, rubefaciente até, a consideração. Entendamo-nos; eu não condemnei a dança considerada exercicio gymnastico; julgo mesmo que deve fazer parte (como faz em alguns estabelecimentos de ensino) da educação physica. Mas o que se faz para ahi não é dança não é exercicio regular, methodico: é um abuso e, como tal, condemnado.

Dançar como exercicio (e só assim admitto) não é andar toda a noite a estafar-se n'um meio as mais das vezes de exiguas dimensões e de pessimas condições de ar; não é andar em continuo rodopio horas a seguir, violentamente; não é expôr collos de mulheres fracas a bruscas mudanças de temperatura; não é exceder forças, não é loucura. A dança, principalmente a valsa, não convém (são todos concordos) aos organismos fracos e mal constituídos, que quasi todos são os das meninas de hoje. N'uma palayra, a dança sem methodo é um exercicio violento. Mas ha mais. Hoje a idéa de dança é incompativel com a idéa de luz do dia, e, sobretudo, com a de ar livre. Não se olha para os campezes, que não cõram por dançar á luz do sol! Por coqueterie, as damas gostam de mostrar as brancas espaldas e de se vestir ligeiramente, e o que acontece? A tísica, que espreeita nova victima, installa-se sem resistencia e com commodidade á mais leve mudança de temperatura.

Que invento, que blasphemo, até, dirão os leitores. Pois bem, eis algumas phrases d'uma auctoridade, le Blond:

«... Está-se longe das idéas antigas faziam dançar um prazer degradante, exclusivamente reservado aos escravos.»

... Tempo virá em que voltará ao que era antigamente, o prazer do povinho (tex).

«Se se soubesse quanto estes bailaricos (tex) brilhantes arruinam saudes e vidas, pôde ser que se fosse menos avido d'elles.» Etc.

Depois de tamanho anáthema do considerado le Blond, dir-se-ha, dirá o auctor, ainda, que exagerei? Consulte Londe, le Blond, Paz, Pestalozzi, o proprio Mercurialis, todos os tratadistas. Prescreta as opiniões dos hygienistas, de toda a gente e veja se ha alguém que não partilhe d'esta sensata opinião.

Longo vae este escripto e eu desejaria ficar por aqui. Mas não posso, nem devo deixar de tocar n'um outro ponto. Sustenta o auctor que a mulher «precisa de espartilho!»

O proprio auctor diz que este só pôde servir como meio de contenção nas gravidias. Perguntarei se d'aqui deduz que nas physiologicas, que não concebem, é necessario esse inquisitorial apparelho. Então, não é verdade que o espartilho que não conchega (e substituível por cinta hypogastrica apropriada, como aconselha Charpentier) que constrange, constitue um instrumento de lesa-saude? Além d'isso, quem falou, quem condemnou o espartilho (chamemos-lhe assim) considerado meio de contenção? O que eu condemnei, e toda a gente condemna, é a atricção produzida pelo espartilho apertadíssimo, o tal que faz cinturas de vespa, como bem diz o auctor.

O professor Boly Leynard, referindo-se ao espartilho, diz: — «Nós rimos das chinezas, que deformam os pés, mas que diremos das senhoras europeas, que fazem maior loucura, apertando desmesuradamente os órgãos vitas?» O professor Thomas, uma eminente autoridade em doenças de mulheres, entende que os utensilios de vestuário adoptados pelas mulheres dos nossos tempos, notoriamente o espartilho, são bellos conductores para o desenvolvimento de doenças de utero. O dr. Kennedy falla d'esta forma: — «Não só esta doença (cancro do peito) é devida ao aperto produzido pelo espartilho, mas também este origina anemias, chloroses, tísicas, doenças do coração e da espinha: assim, todo o medico, pae, mãe, marido, irmão, todo o jornal, deveria juntar-se n'uma cruzada contra esta grande calamidade — o espartilho — e diligenciar abolil-o d'uma vez para sempre!»

O proprio Hypocrates — veja o auctor — já condemnava que as mulheres comprimissem as costellas até dificultar a respiração!

Que mais será preciso dizer?

Resta-me a consolação de vêr que o auctor acaba por concordar com as idéas fundamentaes do meu artigo;

E, por hoje, ponto.

ARDISSON FERREIRA.

E. N. N.

Em a noite de 21 do passado reuniu, na redacção da nossa revista, a comissão que dirige a instalação da nova *Escola Nacional de Natação* fundada por *O Tiro Civil*, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, Carlos Callixto, Pedro José Ferreira, Antonio Corrêa Pinho e Eduardo de Noronha.

O acolhimento que a nova organização tem tido, vae além de toda a nossa expectativa, pois que as adhesões tem vindo com uma tal espontaneidade, que muito honra a iniciativa que tomámos.

Durante a sessão resolveu-se: Que o sr. Pedro José Ferreira procurasse obter auctorização do director de uma escola publica para ahí se darem as lições em secco.

Estando condemnada, pelos hygienistas, as aguas do rio até á Torre de Belem, para os exercicios de natação, deliberou-se que o mesmo sr. estudasse o local mais conveniente para as lições praticas na agua, da Torre para baixo, Pedrouços ou Algés.

Estudar a construção de uma edificação propria, na praia escolhida, que sirva de scde e abrigo para os dirigentes e alumnos da nova escola.

O sr. Anselmo de Souza ficou encarregado de se entender sobre o assumpto com o *Real Club Naval* ou outra qualquer collectividade que queira cooperar n'esta obra de educação phisica, resolvendo-se também officiar ao *Real Gymnasio Club*, *Real Instituto de Lisboa* e *Sociedade de Geographia* sobre o mesmo assumpto.

Vae-se também fazer o regulamento para a epocha do começo das lições, tanto em secco, como na agua, devendo, talvez, as primeiras começar em abril e as segundas em agosto; de terminar o dia e mez em que se fará a grande festa na agua, corridas, campeonato, etc.

Vae, pois, a bom caminho, mais esta incitativa de *O Tiro Civil*, que, não se preocupando, e lançando ao mais solemne desprezo pequenas invejas e arremetidas de pequeninos invejosos, segue desassombradamente á oito annos a mis-

são a que se impoz — a regeneração da patria — pela educação phisica e pelo cumprimento dos deveres civicos, de todos os seus filhos.

CLUB DE LISBOA

No domingo 22 do mez findo, foi a inauguração da aula de gymnastica pedagogica n'este distincto club. O tempo, que se conspirou contra esta festa, deu lugar a que a concorrência fosse diminuta.

Perto das tres horas da tarde, o nosso amigo o sr. Arthur Marinho, presidente da direcção do club, abriu a sessão tomando em seguida a palavra o nosso bom e respeitavel amigo o sr. dr. Cunha Bellem, que produziu um bello e entusiastico discurso, que, por vezes, arrebatou o auditorio; cheio de encantadoras imagens, cheio de calor, soube, como costuma, fallar ao coração de quantos o ouviram e por vezes arrebatou-os.

Apellando para as mães para que não batam nas creancinhas, citou o aphorismo arabe, que na mulher não se bate nem com uma flor e que elle paraphraseou, dizendo que nas creanças não se deve bater nem com o aroma d'essa flor.

Referindo-se e aconselhando a gymnastica, explicou que, essa gymnastica é a pedagogica, a que robustece os musculos e os órgãos vitas, aquella que torna o corpo indemne do contaggio de doenças perigosas, ao passo que robustece e virilisa o espirito, não a alta gymnastica, a acrobatica, a dos trapesios e argolas, essa classifica-a o illustre medico como: *um triste legado que nos deixaram.*

Perindo a nota patriótica e referindo-se ao que foi e nossa querida patria e o que ella ainda deve vir a ser, pelo desenvolvimento phisico e intellectual, levou o auditorio ao auge do enthusiasmo, sensibilizando-o a ponto de explodir em uma estrondosa salva de palmas que se prolongou por bastante tempo.

O discurso do sr. dr. Cunha Bellem parecia partido de um coração de rapaz de vinte annos, disfarçado com as câs dos sessenta annos.

Uma verdadeira sessão de propaganda. Seguidamente, um grupo de alumnos do collegio Arriaga executou proficientemente variados exercicios de gymnastica pedagogica, superiormente dirigidos pelo nosso amigo e distincto professor de gymnastica, sr. Luiz Monteiro.

O professor da nova classe de gymnastica do *Club de Lisboa* é o sr. Annibal Pinheiro, distincto alumno do nosso amigo sr. Pedro José Ferreira, professor da *Escola Normal de Lisboa*, do sexo masculino, o que é segura garantia dos bons resultados da nova instituição.

Os nossos agradecimentos pelo amavel convite feito ao *Tiro Civil*, que ha oito annos vem, constantemente, pugnano pelo desenvolvimento da educação phisica.

CYCLISMO

União Velocipedica Portuguesa

Publicações officiaes



Extracto da acta da sessão de direcção effectuada em 18 de fevereiro de 1902

Presidencia do sr. conde de Caria, secretarioia pelos srs. Claudio Rosado e Carlos Callixto. Esteve presente o sr. vice-presidente Anselmo de Sousa, e os vogaes srs. dr. Eduardo Sequeira Oliva, Costa Campos e João Anastacio Gomes.

Foi approvada a acta e lido o expediente que teve o devido destino.

Foram approvados socios os srs. Francisco Vizeu Pinheiro Junior, José R. Sergio Monteiro, Nicolau d'Albuquerque d'Amaral e Cardoso, Alfredo Augusto da Costa Brito Borges, Luiz de Sommer, dr. Antonio Vianna e Virgilio da Cruz.

Na ordem da noite tratou-se de dar cumprimento ás deliberações do congresso e da realisação de diversos alvitres exarados no relatório.

Foram assignados os diplomados de socios honorarios para os srs. Anselmo de Sousa e Mario Bruzzone e foi nomeada a comissão que ha de ir solicitar de suas magestades e altezas a honra de aceitar a presidencia e vice-presidencia honorarias da União. Também foi approvado que, pelos motivos expostos no relatório, sejam conferidos diplomas d'honra aos srs. Luiz Trigueiros, Angelo Marcellino Garcia, Julio Parâmos Honorato Cêa Trigueiros, Eduardo Augusto Mafra, Amílcar Cortez Pinto e ao Gymnasio Club Figueirense. Resolveu-se também que este anno se realizem em Lisboa, pelo menos, provas em estrada, de 50 e 100 kilometros, e consultar todos os delegados da União sobre a possibilidade de realizarem nas suas respectivas regiões quaisquer d'aquellas provas, bem como o mez e o dia

em que ellas se poderão realizar, a fim de, sem perda de tempo, se elaborar o programma festivo da proxima estação.

Falou-se ainda da realisação do Campeonato de Portugal, revisão do regulamento de corridas e reorganisação das commissões auxiliares, ficando taes assumptos para serem tratados mais detidamente na proxima sessão.

A direcção resolveu ir entregar, por estes dias ao parlamento, uma nova representação pedindo a eliminação da contribuição sumptuaria sobre as bicyclettes e outros beneficos para a velocipedia nacional.

Acentou-se por ultimo que as sessões ordinarias da direcção continuem sendo ás terças feiras ás 8 horas e meia da noite.

Extracto da acta da sessão effectuada em 25 de fevereiro

Presidencia do sr. Anselmo de Sousa, secretarioia pelos srs. Claudio Rosado e Carlos Callixto. Estiveram presentes também os srs. Costa Campos, João Anastacio Gomes e Magalhães Peixoto. Foi nomeado delegado em Aldegallega do Ribatejo o sr. José Maria Mendes Junior.

Na ordem da noite tratou-se da reorganisação das commissões auxiliares.

Para a presidencia da comissão de sport foi reeleito o sr. Claudio Rosado; para presidente da comissão de publicações officiaes foi eleito Carlos Callixto; para a de propaganda o sr. Augusto d'Almeida Grillo; para a de excursionismo o sr. Costa Campos; para a financeira o sr. João Anastacio Gomes; para a de serviços medicos o sr. dr. Jayme Neves; para a de jurisprudência, o sr. Tavares de Mello. Os presidentes d'estas commissões cujos fins estão marcados no regulamento interno da União, tem a faculdade de escolher d'entre os socios, com assentimento da direcção, os elementos que lhes aprouver para a constituição das mesmas commissões.

Foi resolvido que o secretario Carlos Callixto se entenda com o sr. D. Luiz de Castro, vogal da comissão administrativa do municipio e encarregado pela mesma de concertar com a União Velocipedica a remodelação da postura sobre o transito de bicyclettes em Lisboa.

Tambem se resolveu que seja publicada no *Tiro Civil*, órgão official da União, a lista e classificação dos corredores inscriptos, e avisar a todos para que tirem as respectivas licenças da União, correspondentes ao anno corrente, sem o que não poderão tomar parte em nenhuma corrida organizada sob os regulamentos unionistas.

O SECRETARIO — Carlos Callixto.

AUTO VELOCIPEDIA

ECHOS DA QUINZENA

Recompensas merecidas

A nova direcção da U. V. resolveu na sua primeira sessão conferir diplomas de honra aos srs. Luiz Trigueiros, Amílcar Cortez Pinto, Angelo Marcellino Garcia, Julio Parâmos, Honorato Cêa Trigueiros, Eduardo Augusto Mafra e ao Gymnasio Club Figueirense, pondo assim em execução um alvitre expresso no relatório apresentado e approvado pelo congresso.

Auctor da proposta que determinou a referida resolução e auctor do relatório, a minha opinião é susceita. Mas eu não quero, apesar d'isso, deixar de frisar mais uma vez quanto ha de justo n'essa resolução e quanto foram valiosos os serviços prestados á causa unionista, por aquelles nossos amigos.

Luiz Trigueiros, além de ser um delegado modelo que tem angariado muitos e valiosos socios para a União, comprehendendo a sua elevada missão por uma forma brilhante e digna que muito honra o seu lucidissimo espirito, fez uma propaganda sensata e intelligentemente dirigida, levando o S. C. V. e o esplendido velodromo do club dos caçadores a filiarem-se na União; Amílcar Cortez Pinto, foi o fundador do Grupo Velocipedico Leiriense, essa utilissima e patriótica associação que se encontra ligada a outra não menos util e benemerita — a I.ª filial da União dos Atiradores Civis; Angelo Marcellino Gar-

cia foi o melhor cooperador e auxiliar que a direcção transacta encontrou para a realisação das primeiras provas de 100 km. e o organisador das primeiras provas de 50 km., em que teve, como collaboradores dedicadíssimos, dois unionistas dos mais prestimosos, dois caracteres brilhantes — Honorato Cêa Trigueiros e Julio Parâmos; Eduardo Mafra, velho cyclista e bom amigo da U. V., foi o fundador do Cyclo Club Caldense, associação unionista das mais dedicadas e de um largo futuro; finalmente o Gymnasio Club Figueirense sem ser, por enquanto filiado, tem sempre respeitado a União e adoptado cuidadosamente os seus regulamentos nas corridas, aliaz brilhantes que tem organizado, contribuindo assim eficaz e poderosamente para o augmento do prestigio e auctoridade da nossa Federação cyclista.

Taes são os titulos que esta collectividade e aquellos individuos tinham á gratidão e á recompensa da U. V. P. cuja direcção praticou um acto de boa justiça, aceitando os alvitres expostos no relatório e galardoado a todos.

Envio-lhes as minhas saudações e os protestos da minha estima.

R. C. V. P.:

No dia 22 realisou-se nas vastas e elegantes sallas do Real Club Velocipedista um magnifico sarau precedido de sessão solemne para distribuição de medalhas de *vermeil* a todos os socios d'esta prestimosa associação que tomaram parte no grande e inolvidavel sarau de 31 de dezembro no Colyseu dos Recreios.

A festa d'agora em que a direcção entendeu, e com justa razão, dever premiar o esforço, o trabalho e a dedicação d'aquelles que tão alto elevaram o nome do club n'um espectáculo publico de tanta responsabilidade, foi em tudo digna do fim a que se destinava. Não faltaram numerosas senhoras que, com os seus encantos naturais, deram realce e brilho á justa consagração dos distinctos *sportsmen*; não faltou a alegria, o entusiasmo, a animação que d'envolta com a palavra de alguns dos oradores, os festejaram condignamente.

Abriu a sessão o distincto presidente do R. C. V., sr. Zêa Bermudes, que tinha á sua direita o sr. Anselmo de Sousa e á esquerda o sr. Cezar da Motta.

Mostrou o sr. Bermudes os justos fins da festa e enalteceu o trabalho e a dedicação dos socios que tomaram parte no sarau do Colyseu, aos quaes dirigiu palavras de muito louvor e agradecimento.

Em seguida o sr. Cezar da Motta, continuando na mesma ordem de ideas, mostrou a importancia que teve o sarau e participou que a rainha D. Amelia incumbira a direcção do club de preparar o primeiro grande sarau de sport, em favor da Assistencia nacional aos tuberculosos. A honra que a soberana conferira ao R. C. V. é grande e prova bem os altos credits que elle tem. Insita todos os socios a que trabalhem com dedicação afim de poderem corresponder á honra conferida.

Por ultimo agradece á direcção da U. V. P. o ter offerecido dois diplomas d'honra para os dois associados do club srs. Xavier da Silva e Cyrille Miramon que tanto e tão distinctamente se tem affirmado como cyclistas de um alto merito artistico.

O signatario d'esta secção, em nome da U. V., do Sport Club Viannense e *Tiro Civil* disse algumas palavras sobre a festa e saudou o R. C. V. e os socios que iam ser premeados.

Por ultimo o sr. Luiz Saude, em nome do S. C. L. congratulou-se pelas prosperidades do R. C. V. e fez votos pela intima aliança e confraternisação de todas as associações de sport.

Em seguida procedeu-se á distribuição das medalhas que gentis senhoras poseram ao peito dos agraciados.

Depois da sessão houve um pequeno sarau em que José Barão, Valdez, Manuel Medina, Levy Jenochio, Fonseca e cutros nos deliciaram com bellos trabalhos em argollas torniquete e paralellas; Augusto da Fonseca e Duarte Valdez fizeram varios exercicios athleticos; Charbonnier e Soares da Silva fizeram um bello assalto á espada em que houve *corps corps* magnificos, finalmente Xavier da Silva e Miramon exibiram os seus incomparaveis trabalhos em bicyclette.

Foi o *clou* da noite.

Não ha ninguem em Lisboa que não conheça os trabalhos dos irmãos Ariso que já por duas vezes estiveram no Colyseu. São dois artistas de grande valor e os seus exercicios arrancaram sempre os maiores applausos pela perfeição e pelo arrojio. Pois bem, os trabalhos de Xavier da Silva e Miramon, seu discipulo, rivalisam — podemos dizel o afoitamente — com os de Ariso, são tão correctos, tão perfeitos como os d'este artista, crescendo ainda que são mais variados. Xavier da Silva faz tudo quanto Ariso fazia e mais uma grande variedade de numeros novos. Os equilibros com o *alter*, com Miramon e sobre os bancos, são marivilosos. Os trabalhos no bicycle e no monocycle, são admiraveis.

Xavier da Silva não é um amator na restricta accepção da palavras, é um verdadeiro artista. Novo, bem educado, alegre, de uma grande flexibilidade de linhas e de musculos, tem a structura completa de um artista de raça e de largo futuro.

Cyrille Miramon que ainda ha bem pouco se começou a dedicar a este genero de trabalhos, tem feito progressos extraordinarios e dá provas de bellas aptidões. E' assombroso o que elle já faz, sobre aquellas duas frageis rôda da bicyclette, onde o equilibrio é tão instavel

E' tambem um novo de bellas qualidades; de origem franceza, traz da sua raça e do seu paiz, a faculdade e a aptidão para este bello sport que a França tem animado com tanto ardor desde o seu nascimento.

Miramon alterna e collabora admiravelmente com Xavier da Silva.

Os dois foram merecidamente applaudidos na noite de 22 como já tinham tido as honras da noite no sarau do Colyseu.

Corrida do S. C.:

Já se annunciavam as primeiras corridas da época que devem ser as do S. C., na pista do Jardim Zoologico.

Com effeito, apesar do tempo invernozo que vae decorrendo, a direcção d'aquella sympathica agremiação sportiva está trabalhando activamente para que as suas primeiras corridas d'este anno se realizem no proximo dia 19.

Os corredores aproveitam, já alguns, raros dias em que a chuva e o vento os deixam sahir á rua para se treinaarem.

Haverá corridas de tandem e bicyclettes para os socios do S. C. e uma grande corrida nacional aberta a todos os corredores.

Oxalá o tempo meliore e os exorços do conselho director do S. C. sejam coroados do melhor exito.

Em Vianna do Castello:

Espera-se que seja magnifica a época sportiva em Vianna do Castello. Para a inaugurar haverá provas de 50 km., organisadas pelo distincto delegado da U. V. P. n'aquella cidade, o nosso presado amigo e talentoso escriptor, o sr. Luiz Trigueiros.

A estrada escolhida é a que liga Valença a Vianna.

Pelo que toca ao S. C. V. ouçamos o que diz o nosso collega *Districto de Vianna*:

«O Sport Club Viannense deve ficar installado na sua nova casa, á Praça Serpa Pinto, no fim do mez corrente.

Visitámos hontem a futura séde da sympathica agremiação sportiva e trouxemos d'essa visita a melhor recordação.

O Sport Club fica excellentemente installado. No primeiro pavimento, além d'um bello salão para jogos de vasa, servindo em noutes extraordinarias para reuniões de assembléa geral, sala de conferencias, concertos, etc., ha sala de conversa, sala de bilhar, vestuario e retretes.

No segundo pavimento ha o salão de leitura, gabinetes da direcção, bibliotheca, arrecadações e dependencias particiares

Todos estes compartimentos são muito bem illuminados e arejados.

Nos baixos da casa está installado, como se sabe, o Centro Velocipedico.

Entre outros projectos dignos de applauso, que a direcção do Sport Club tenciona pôr em pratica, ha um que nos merece especial menção; a realisação d'uma serie de conferencias.

Consta-nos que a primeira conferencia se realisará logo que o Club esteja installado, sendo convidado para esse fim um dos mais talentosos clinicos d'esta cidade.»

A' direcção do S. C. V. enviamos as nossas felicitações pela transformação e incontestavel prosperidade da benemerita associação que tão distinctamente governa.

Entre clubs:

No proximo dia 19 o Grupo Velocipedico Leiriense vae ás Caldas da Rainha, em visita ao Cyclo-Club Caldense.

Segundo informações que recebemos de Leiria e das Caldas, essa visita, de uma grande cordialidade, será acompanhada de festas brilhantes que os cyclistas caldenses organisam em honra dos seus collegas de Leiria.

O *Districto de Leiria* occupando-se d'este assumpto diz:

«No louvavel intuito de desenvolver os exercicios physicos e de estreitar relações d'amizade com as Caldas da Rainha, sem duvida um dos melhores concelhos do districto, resolveu este grupo, realizar o seu primeiro passeio official áquella linda villa, no dia 19 de março proximo.

Attendendo ao grande entusiasmo que reina nos cyclistas visitantes e visitados, tudo leva a crêr que será uma festa de sport digna de menção especial. Consta-nos que se prepara n'aquella villa uma grandiosa recepção, e que a essa idéa generosa e affectiva se associaram do melhor grado todas as pessoas da mesma villa. O «Cyclo Club Caldense», associação congenera fundada o anno passado tem exhibido uma actividade que muito a honra e engrandece na causa do desenvolvimento publico.»

Se as nossas informações são verdadeiras, como crêmos, o C. C. C. irá esperar a grande distancia os socios do G. V. L. que depois serão recebidos em sessão solemne e a quem será offerecido um grande sarau e baile, fallando-se tambem n'um banquete. Emfim, esta festa-se cordeal quanto agradável promette ser magnifica. Por ultimo dizemos que talvez a direcção da U. V. P. desejando associar-se a estas manifestações guarde a ida do G. V. L. ás Caldas, para fazer entrega solemne dos diplomas de honra que acabam de ser conferidos aos srs. Amílcar Pinto, Eduardo Mafra, Angelo Marcelino Garcia, Honorato Trigueiros e Luiz Parâmos.

V. C. L.:

Em Assembléa geral que se effectuou no dia 20 foram eleitos os novos corpos gerentes do Velo Club de Lisboa que ficaram assim constituídos:

Assembléa geral — Presidente, Arthur E. de Barros e Mello; secretarios, Salazar Antunes e José Maria Gomes.

Direcção — Presidente, Gomes Leite, thesoureiro Assumpção Pires; secretarios, Tenorio Oliveira e Carlos Viegas; vogaes, Francisco C. Jesus, Augusto Freitas e Ezequiel Garcia; substitutos, José de Jesus Pereira, Campos e Sá e Quaresma Val-do-Rio.

Conselho fiscal — Effectivos, Senna Cardoso, Santos e Silva e Francisco Carneiro; substitutos, Carlos Vaz e José Maria da Silva.

Nos novos corpos gerentes ha elementos de incontestavel valor que são garantia de que o V. C. L. terá uma época sportiva de primeira ordem.

Enviamos-lhe as nossas mais cordeas saudações.

Na Figueira da Foz:

Estamos ás portas da primavera, a estação

